

VIVEIRO EDUCATIVO: semeando vidas

Lúcia Salengue Sobral¹; Lindacir Zornitta¹; Ana Cristina Confortin¹; Vanessa Signoretti Padilha Navas¹ (1 Universidade Comunitária da Região de Chapecó , Unochapeco, Caixa Postal 1141, CEP 89809-000, Chapecó, SC - Brasil)

1. Introdução

A crescente preocupação com os problemas de poluição do meio ambiente, associada à escassez de recursos naturais tem levado o homem a pensar mais seriamente sobre a recuperação e preservação do meio. Propostas de reflorestamento e reciclagem dos resíduos orgânicos e inorgânicos são alternativas que visam minimizar esses impactos, porém grandes são os desafios enfrentados quando se procura direcionar ações para a minimização desses problemas, um deles se refere à mudança de atitude das pessoas com relação à interação com o patrimônio “meio ambiente”.

Neste contexto, observa-se a importância que a educação exerce no desenvolvimento da consciência social e cultural das pessoas e do meio. A escola tem um papel muito importante nesse processo, por possuir um espaço privilegiado de informação, construção e produção de conhecimentos, estímulo da criatividade e na modificação e alteração de valores e condutas, principalmente do que se refere às questões ambientais.

De acordo com Carvalho (1998), é preciso incentivar as escolas no desencadeamento de reflexões sobre os problemas ambientais para além de suas dimensões biológicas, químicas e físicas, usando-se de diferentes práticas pedagógicas com enfoque na educação ambiental, diferenciando da educação tradicional.

A escola é o espaço social e o local onde o aluno dará seqüência ao seu processo de socialização. O que nela se faz, se diz e se valoriza representa um exemplo daquilo que a sociedade deseja e aprova. Comportamentos ambientalmente corretos devem ser aprendidos na prática, no cotidiano da vida escolar, contribuindo para a formação de cidadãos responsáveis. A educação ambiental se caracteriza por ser um processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do meio em que vivem, pois não se trata de transmitir conteúdos, conceitos, mas sim aprender a olhar e ler a natureza, entendendo a ciência como criatividade e atividade que permite a arte e os diferentes conhecimentos, abandonando o paradigma racionalista de exploração dos recursos naturais.

A educação ambiental, conforme Proposta Curricular de Santa Catarina deve provocar a sensibilidade, a consciência em relação ao meio ambiente e a compreensão

crítica das questões ambientais, decorrentes da sua utilização pelas sociedades humanas no percurso histórico. Deve desenvolver nos alunos um profundo interesse pelo meio ambiente e a vontade de participar ativamente na sua proteção e melhoramento, bem como adquirir os conhecimentos necessários para intervir na resolução dos problemas ambientais, fomentando o valor e a necessidade de cooperação local, nacional e internacional (SANTA CATARINA, 1998).

Sato (1995) salienta que a educação ambiental é constituída por princípios gerais: sensibilização, compreensão, responsabilidade, competência e cidadania. Gadotti (2000) complementa afirmando que há necessidade de se enfatizar a educação ambiental centrada na conscientização dos indivíduos, recuperando o conceito de educação integral e de uma pedagogia democrática, ética e solidária, atualizada com as contribuições ecológicas. A educação ambiental deve trabalhar primordialmente com a integridade humana, o simples fato de o ser humano aprender a economizar, reciclar, compartilhar, preservar e aceitar diferenças pode representar a revolução dos chamados “problemas ambientais”.

Santos (2000) também afirma que a principal tarefa da educação ambiental é o desenvolvimento do senso crítico, conscientizar os alunos nas escolas sobre o drama dos problemas ambientais que clamam por soluções imediatas, promovendo conhecimentos abrangentes para toda a comunidade, já que estes são portadores diretos das informações e, mais do que isso, são os condicionantes do futuro do planeta.

Neste sentido, os viveiros têm um enorme potencial para tornarem-se educadores, desde que incorporem a dimensão pedagógica ao processo, despertando nos grupos envolvidos o olhar crítico, o aprendizado dialógico e o espírito coletivo diante da realidade sócio-ambiental.

De acordo com Brasil (2008), um viveiro de produção de mudas florestais nativas, desde que conduzido de forma pedagógica e questionadora pode estimular o surgimento de novas iniciativas, que complementem e fortaleçam a atuação de grupos e instituições, que desenvolvem processos de educação ambiental em todo o país. Desta forma, os viveiros educadores, são espaços onde, além da produção, realiza-se de forma intencional, processos que buscam ampliar as possibilidades de construção de conhecimento, exercitando em seus procedimentos e práticas, reflexões que tragam em seu bojo, o olhar crítico sobre aspectos relevantes para a educação ambiental.

2. Objetivo

Possibilitar a integração dos alunos das escolas da rede pública municipal de Chapecó, bem como a comunidade do entorno da Universidade, através da sensibilização e conscientização, quanto à questão ambiental, buscando a construção de conceitos e a transformação de atitudes, que despertem sentimentos de solidariedade, ética, coletividade

e responsabilidade sócio-ambiental.

3. Metodologia

O projeto foi desenvolvido no Viveiro Florestal Universitário, no campus da UNOCHAPECO, e nas Escolas de Ensino Básico Fedelino Machado Ramos e Diogo Alves, com duas turmas de 4ª série de cada escola, totalizando 120 alunos.

Inicialmente, realizou-se visita às escolas para a apresentação do projeto aos professores e alunos com o objetivo de demonstrar a importância das atividades propostas para a comunidade escolar. Posteriormente, foram ministradas sete oficinas com duração de quatro horas para cada uma das turmas, totalizando 28 horas/turma de atividades didático/pedagógicas, que incluíram explicações teóricas e ações práticas.

Em cada oficina utilizou-se a metodologia do “aprender-fazendo”, abrangendo as seguintes temáticas: visita de professores e alunos ao Viveiro Florestal Universitário, Museu Zoobotânico e Laboratório de Análise de Sementes; realização da Trilha dos Sentidos e do concurso para escolha dos mascotes do projeto; reciclagem e compostagem de resíduos; coleta, beneficiamento, armazenamento, germinação e dormência de sementes florestais nativas; semeadura das sementes colhidas em substrato adequado para a produção de mudas.

Na última oficina foi efetuada, em cada escola, uma mostra pedagógica com a exposição dos desenhos e trabalhos produzidos pelos alunos nas oficinas anteriores e criados grupos ecológicos, objetivando incentivar a coleta adequada dos resíduos produzidos na escola, bem como, desenvolver ações de preservação ambiental na comunidade de abrangência.

Durante o tempo de duração do projeto foi desenvolvido folder informativo sobre as ações realizadas e ao término das oficinas foi elaborada uma “Cartilha de Educação Ambiental” com base nas atividades efetuadas e material produzido pelos alunos das duas escolas.

4. Resultados e Discussão

Percebeu-se que, tanto alunos como professores, demonstraram bastante interesse em adquirir conhecimentos sobre a produção de mudas florestais nativas e sobre os recursos naturais. As perguntas foram as mais variadas. Os questionamentos mais frequentes foram sobre: porte e utilidade de árvores nativas da região Oeste Catarinense, especialmente, espécies frutíferas, cuidados com os cursos de água e descarte de resíduos orgânicos. Houve em todas as tarefas propostas a participação ativa dos alunos com a preocupação de aplicarem o conhecimento teórico aprendido.

Conforme Mendonça (2007) “no aprendizado vivencial, é o corpo inteiro que

aprende, não só o cérebro, e ele aprende porque interage com o que deve ser aprendido” [...]. “A educação “vivencial” é especialmente importante na educação ambiental, uma vez que esta última pretende lançar nos indivíduos a percepção de sua responsabilidade sobre o que acontece no mundo, e de sua participação num todo maior que inclui o passado, o presente e o futuro. Pretende, portanto, que os conceitos sejam internalizados e transformados em comportamentos inovadores e criadores de novos modos de viver, de novas culturas”.

Observou-se que o trabalho realizado proporcionou a reflexão das crianças em relação à importância da separação dos resíduos nas residências e também na escola, bem como, despertou o interesse em conhecer as espécies florestais nativas e como poderiam intervir no seu cotidiano para a preservação das florestas e fragmentos de mata nativa da região. Neste sentido torna-se relevante mencionar as falas de alguns alunos: *“Prof., na minha casa nós não temos o costume de separar o lixo assim, minha mãe joga tudo no terreno do lado de baixo da minha casa. Mas agora, eu vou pra casa e vou pegar uma lata e colocar em baixo da pia e ensinar pra ela como fazer, e eu sei que ela vai fazer bem direitinho”*. Outro aluno acrescentou: *“Prof. temos que começar a fazer isto aqui dentro da escola, porque no recreio tem um monte de gente que joga o lixo tudo no chão, nem sabe olhar para os lados e ver que tem lixeira na escola*. Observa-se assim, claramente, o importante papel da escola na sensibilização e transformação de atitudes e formas de convivência com o meio.

A questão primordial do projeto foi dar oportunidade à criança e ao jovem de ter um contato mais próximo com a natureza e com os problemas ambientais que estão presentes em sua realidade e, em foco, na vida atual. Acredita-se que pelo menos, em parte, este objetivo foi atingido, pois o envolvimento e responsabilidade das crianças em todas as ações propostas foram evidentes. O aprendizado foi significativo e interessante, pois os mesmos realizaram e visualizaram os resultados *“in locu”*.

Neste sentido, a participação de alunos da rede pública municipal de Chapecó no projeto Viveiro Educativo, tem permitido que crianças e jovens conheçam de forma interativa a importância das florestas nativas e dos recursos naturais.

No entanto, sabe-se que ações transformadoras não devem acontecer apenas no curso de um ano, e sim, devem ter continuidade e serem incentivadas por longo prazo. Porém, para tal é necessário o comprometimento de dirigentes, professores e comunidade em geral.

Observou-se também que os grupos ecológicos formados nas escolas atuam hoje como multiplicadores, com a intenção de expandir para toda a comunidade escolar o conhecimento adquirido, numa tentativa de despertar em cada cidadão a sua responsabilidade com a preservação da vida do planeta.

5. Conclusões

Os resultados alcançados permitem afirmar que a educação dos jovens é imprescindível para que, no futuro, se formem cidadãos com capacidade de viver em harmonia e sustentabilidade com o meio ambiente. O contato direto com a comunidade mostra o quanto ações simples realizadas com objetividade podem trazer respostas rápidas e positivas.

Referências

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Departamento de Educação Ambiental. **Viveiros educadores: plantando vida**. Brasília: MMA, 2008.

CARVALHO, I. C. de M. **Em direção ao mundo da vida: Interdisciplinaridade e Educação Ambiental**. Cadernos de Educação Ambiental. Brasília: Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPE), 1998.

GADOTTI, M.. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

MENDONÇA, R. **Educação Ambiental Vivencial**. In: Encontros e caminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, Departamento de Educação Ambiental, 2007.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta curricular de Santa Catarina: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio (temas multidisciplinares)**. Florianópolis: COGEN, 1998.

SANTOS, A. F. L. dos. **Educação Ambiental: desenvolvendo o senso crítico**. In: 4º Encontro Nacional de Turismo com Base Local. Joinville, 2000.

SATO, M. **Educação ambiental**. São Carlos: UFSCar/PPG-ERN, 1995.